

EPSITEMOLOGIA E HISTÓRIA DA PSICANÁLISE¹:
DESAMPARO CONTEMPORÂNEO DO REFERENCIAL SIMBÓLICO
E A PREVALÊNCIA DA TOTALIZAÇÃO DO DISCURSO CIENTÍFICO.

Eduarda Renaux²

RESUMO: A modernidade impõe ao conhecimento um saber totalitário, dito absoluto. A proposta epistemológica de convocar as raízes filosóficas do saber parecem ter perdido o seu valor quando descontextualizada de sua origem e sua função: problematizar o conhecimento totalitário. Este artigo tem como objetivo traduzir uma apropriação realizada na disciplina Epistemologia e História da Psicanálise do Programa de Pós-Graduação da FURB. Tal apropriação é um recorte singular da temática que denuncia uma geração desamparada Nome-do-Pai, e amparada no frágil, porém totalizador discurso científico. Este, inadequado ao sofrimento psíquico, acaba por operar predominantemente na instância Real, tornando tal discurso estruturalmente semelhante ao da Psicose.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Epistemologia. Modernidade. Ciência.

Na sociedade contemporânea, a tradição parece ter pouco a ensinar para uma geração de jovens cujas ousadias, irreverências e modismos são exaltados à exaustão e repetidos pelos mais velhos [...] Confiar no passado como fonte de sabedoria é um alívio, pois para os mais jovens é assustador perceber que seus adultos esperam deles o conhecimento que deveriam oferecer-lhes. O passado é para ser esquecido, o futuro é uma promessa de gozo. (CORSO E CORSO, 2004)

Ao Homem só foi possível a humanização por sua imersão na palavra, e por consequência na linguagem. Os acordos civilizatórios, e as leis simbólicas são efeitos do recalque e sublimação da pulsão, que retira o homem da condição puramente biológica e instintual. A civilização, desta forma, só é possível ao preço do recalque e pelo advento da palavra.

O modo de existência e de insistência do humano constitui-se, a partir daí, numa insistência metafórica junto ao significante que, como metáfora, não diz a coisa mesma que o objeto que se refere. A operação produzida pela eficácia da metáfora quer nos dizer que o humano foi em si mesmo, para um *locus* meramente biológico, desprovido de significado em si mesmo, para um *topos* metafórico, substituto deste, de cunho e estrutura referida à linguagem, onde o sujeito é suportado pelo símbolo e não mais pela carne e pela biologia. (SANTUÁRIO, 2004, p. 17)

¹ Disciplina ministrada pelo Dr. Jorge Sesarino no Programa de Pós-Graduação de Psicanálise: Clínica e Políticas Públicas em Saúde Mental da FURB.

² Acadêmica do Programa de Pós-Graduação de Psicanálise: Clínica e Políticas Públicas em Saúde Mental da FURB.

As passagens da civilização e suas leis foram ancoradas no decorrer de sua história, de seu percurso. Foi a partir de uma falta, de um vazio que o homem se fez homem, uma interrogação que gerou movimento ao avanço da fala, do conhecimento, da verdade. Sendo assim, mais importante que respostas, a linguagem vive de perguntas e questionamentos, pois ali onde reside um não-saber que é possível produzir o simbólico.

Para além das leis, discurso e cultura, o simbólico é uma metaforização da existência, é um resgate da filiação/nomeação e, fundamentalmente, é produzir uma presença na ausência (temática trabalhada por Freud na observação de uma brincadeira de seu neto. Operação nomeada de *Fort-da*). Mas tal presença não se justifica por preencher e tamponar o vazio, mas poder lhe dar outros sentidos, uma nomeação possibilitadora.

O processo científico está inserido em uma cadeia significativa e uma relação com os mestres que da história se constituíram. A mestria pode estar referenciada a partir de um Pai que um dia foi detentor de um saber e de um poder. Não é incomum, refir-se como pai o Criador de algo (Ex: Pai da Humanidade – Deus-, Pai da Psicanálise, Pai da Administração, da Antropologia, etc). Mas um Pai nunca é absoluto, e sim, balizado pela castração, produção de falta e dúvida que obriga a filiação a produzir novos conhecimentos, para assim, recorrer novamente a sua tradição, aos seus mestres. Isso seria para Lacan, a necessidade de jamais esquecer a tradição, a busca pelo Nome-do-Pai, possibilitador da metáfora paterna.

O pai é um pai procriador na medida em que fala. E esse lugar atribuído ao verbo tem como efeito ao mesmo tempo reunir e cindir as duas funções da paternidade, a da nomeação e a da transmissão do sangue e da raça. De um lado o engendramento biológico designa o genitor; de outro a vocação discursiva delega ao pai um ideal de dominação que lhe permite afastar sua progenitura da besta, da animalidade, do adultério e do mundo dos instintos, encarnado pela mãe. A palavra do pai, ao delinear a lei abstrata do logos e da verdade, não prolonga a alimentação materna senão ao preço de separar o filho do laço carnal que o une, desde seu nascimento, ao corpo da mãe. (ROUDINESCO, 2000, Pg. 23)

A epistemologia, é uma ciência que se preocupa com o retorno da tradição, é uma ciência crítica, que impede que o saber científico torne-se totalitário, uma crença. A ciência que faz um recorte fundamental do Nome-do-Pai que humanizou, civilizou. Sendo assim, a epistemologia é uma ciência da ciência. A epistemologia, assim como a história, é um retorno ao Nome-do-Pai, um terceiro possível que poderia interditar a busca de uma ciência totalitária dos tempos modernos, convocando um retorno a dúvida e a palavra.

Sendo assim, a passagem do pai provido das mais fantásticas virtudes e poderes para a descoberta de que ele é frágil e falível, passa por um período de imensa indignação, seja ela consciente ou inconsciente. Esta decepção com o pai se faz necessária na medida em que o sujeito, a partir da castração do pai, descobre a condição para encontrar em si próprio

os recursos necessários para viver. Ao deparar-se com o pai faltante, o filho suscita ainda mais o desejo de superá-lo e ser sujeito de seus próprios atos e destino, carregando consigo o Pai simbólico – condição da Lei e do desejo.

A busca pelo Nome-do-Pai, da lei simbólica é o que possibilita ordenar a história, fazer juz a uma tradição. Quando o próprio discurso convoca a diluição da história nos genes, a redução do sofrimento a descargas químicas e inadequação do comportamento instaurados no mais puro ser biológico, se abdica do recalque da pulsão, tão necessária na operação neurótica, para a forclusão, ao preço da psicotização de um discurso que sem o acesso a castração, torna-se todo e absoluto.

[...] a ratio consiste muito simplesmente numa evacuação do Nome-do-Pai, ou seja, em sua forclusão, - bem- poder-se avaliar aqui o que é, o que quer dizer o processo científico. Pode-se avaliar então porque o percurso científico exige de certa forma que toda a subjetividade, na apreensão dos fenômenos, seja colocada em parênteses, seja suspensão, seja apagada. Isso é algo absolutamente homogêneo no processo científico. O processo científico consiste igualmente, com a evacuação do Nome-do-Pai, ou seja, com a referência ‘a causalidade, inscritível e apreensível numericamente, na evacuação de todo sujeito. Se a razão é fundada sobre a forclusão do Nome-do-Pai, fica claro que aí irão se produzir, que haverá conseqüências no Real. (MELMAN, 1991, p.48)

O discurso científico acaba por ter uma inadequação ao sofrimento psíquico, pois sua forma redutiva de lidar com o homem em suas mais diversas expressões, não leva em conta sua subjetividade e a dor e sofrimento atribuídos a uma linguagem. Sua totalização que busca uma única verdade vai na contra-mão da Psicanálise que é acima de tudo, um questionamento da verdade.

Sesarino (2010, p.18), argumenta que para Lacan a ciência é a ideologia da supressão do sujeito, pois o foracluí, pois o sintoma da ciência é a foraclusão do sujeito. Para a ciência, sujeito é somente uma variável passível de mensuração, quando, por exemplo, interfere no experimento científico. Conseqüentemente, a ciência exclui o sujeito da sua verdade. Enquanto para a ciência um erro é um obstáculo a ser superado, para a psicanálise é uma manifestação da divisão do sujeito do inconsciente.

Uma preocupação não exclusiva da psicanálise, mas de outros pensadores da cultura, a sociologia irá questionar o lugar da expressão dos sentimentos, onde a resposta biológica não produz uma falta necessária para a interrogação da existência. Sendo assim, Sennet (1988, p. 16), alerta que “o eu de cada pessoa tornou-se o seu próprio fardo; conhecer-se a si mesmo tornou-se antes uma finalidade do que um meio através do qual se conhece o mundo. E precisamente porque estamos tão absorvidos em nós mesmos, é-nos extremamente difícil chegar a um princípio privado, dar qualquer explicação clara para nós mesmos ou para os outros daquilo que são as nossas personalidades. A razão esta em que, quanto mais privatizada é a

psique, menos estimulada ela será e tanto mais nos será difícil sentir ou exprimir sentimentos.” (1988, pág. 16)

Assim depara-se com o constante desamparo do Homem, que com pouca metáfora a recorrer, acaba por reduzir-se a medicações e ao discurso químico e biológico. Esta entregue, esta deriva, sem ancoragens sólidas. Cada vez que chega mais próximo ao absoluto, mais vazia torna a existência. Um vazio diferente da falta. Poderíamos remeter a falta como uma interrogação que nos provoca curiosidade e movimento, enquanto o vazio é apenas a falta de delimitação de um dentro/fora, uma desistência da língua, da palavra. O “**objeto a**”³ não se faz causa de desejo, e sim, tampona o desejo, ali ele o é. Diferença crucial na compulsão mortífera e aquela que produz movimento e vida.

As identidades parecem fixas e sólidas apenas quando vistas de relance, de fora. A eventual solidez que podem ter quando contempladas de dentro da própria experiência biográfica parece frágil, vulnerável e constantemente dilacerada por forças que expõem sua fluidez e por contracorrentes que ameaçam fazê-la em pedaços e desmanchar qualquer forma que possa ter adquirido.” (BAUMAN, 2001, p. 98)

O filho que não mata simbolicamente o pai acaba alienando-se ao pai ideal, não sendo sujeito de seu desejo, mas sim, deste pai sem falhas e restrições que é caracterizado como o pai imaginário. Segundo Kehl (2002) o pai imaginário é aquele que detém a verdade sobre quem o filho é, é aquele capaz de fazer do filho o herdeiro não de um traço identificatório, mas de uma identidade, resolvendo com isso a permanente interrogação do sujeito quanto ao seu desejo e sua singularidade. Ao invés vez de interrogar a si mesmo, o sujeito instala-se na condição de filho submetido ao desejo do pai.

Seria apressado falar de uma humanidade órfã de pai, mas é como se tivéssemos realizado um retorno ao passado onde o Pai era total, o totem Freudiano. Um Pai sem castração, é um discurso absoluto. Os exemplos clássicos da contemporaneidade é o discurso religioso e científico.

O homem moderno enfrenta o mundo sem proteção de reis, padres, ou de qualquer outra figura paterna mais ou menos benevolente, mas ele poderia aceitar sua perda se ela o tivesse ajudado a desenvolver seus próprios recursos íntimos. Incapaz de internalizar a autoridade, entretanto, ele projeta os impulsos proibidos para o exterior e transforma o mundo em um pesadelo. As autoridades, inevitavelmente moldadas no pai dividido, apresentam-se como imponentes ou malévolas. (LASCH, 1991, p. 227)

A partir disto, percebe-se que a pulsão fica novamente á deriva, onde as proibições passam a ser atenuadas e os interditos cada vez menos claros. As depressões invadem o cenário

³ Conceito central na teoria Lacaniana, que desempenha importante papel no que tange o estágio do espelho e a teoria do fantasma.

moderno, sendo consideradas as “novas pestes”, a solidão e a ansiedade invadem os afetos, e sem espaço para uma representação psíquica do fenômeno. A linguagem como metáfora passa a ser vivenciada na instância Real, em resposta a esses afetos surge o avanço da medicação, que tão cultuada na modernidade vem silenciar a palavra. Vivemos em um mundo onde a impunidade, e as resoluções biológicas desresponsabilizam o sujeito e não abrem margem para dúvida do conhecimento, produzindo assim, dogmas e crenças.

A disciplina epistemológica possibilita o resgate das raízes do pensamento filosófico com o intuito de produzir uma ciência mais crítica e diversa. Esse trabalho consistiu em fazer um recorte do recalque do discurso de um saber neurótico, e a forclusão onde habita uma certeza psicótica. A psicanálise é inaugurada a partir de uma falta, de um não-saber, seu estudo pautado no inconsciente é dinâmico e não possui o intuito de ser todo. Isso se circunscreve na medida em que “o inconsciente escapa totalmente a este círculo de certezas no qual o homem se reconhece como um eu” (SANTUÁRIO, 2004, p.24 apud, LACAN, 1954, p.9).

Referências:

BAUMAN, Z.; **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CORSO, D. L.; CORSO, M.; **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KEHL, M. R.; **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LASCH, C.; **O mínimo eu**: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo: Editora Brasiliense, 5ª ed., 1990.

MELMAN, C. **Estruturas Lacanianas das Psicoses**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ROUDINESCO, E.; **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SANTUÁRIO, L. C.; **A lei do desejo**: epistemologia da psicanálise lacaniana. Caxias do Sul: EducS, 2004.

SENNETT, R.; **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SESARINO, J.; **Epistemologia e História da Psicanálise**. Texto disponibilizado para leitura prévia para a disciplina, 2010.